

APRESENTAÇÃO

MÁRIO JORGE BARROCA

O livro que aqui se apresenta resulta, em parte, de uma reflexão feita em torno do século XII português, o tempo de D. Afonso Henriques. E é fruto de circunstâncias muito específicas. Como se sabe, no decurso do ano de 2009 Portugal assinalou o IX Centenário do Nascimento de D. Afonso Henriques (1109-2009) com a organização de vários eventos, uns de carácter científico, outros de carácter mais lúdico. De entre os primeiros merecem referência três reuniões científicas: o *Congresso Internacional Afonso Henriques 900 anos depois*, promovido pela Câmara Municipal de Viseu, que decorreu nessa cidade entre 16 e 19 de Setembro de 2009; o *Colóquio Internacional Afonso Henriques: Em torno da criação e consolidação das monarquias do Ocidente Europeu (Séculos XII-XIII). Identidades e Liminaridades*, organizado pelo Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que teve lugar entre 14 e 16 de Dezembro de 2009; e, finalmente, encerrando um ano de comemorações, o *Colóquio «No Tempo de D. Afonso Henriques»*, promovido pelo Museu Alberto Sampaio, que decorreu em Guimarães, nas instalações da Associação Comercial e Industrial de Guimarães (ACIG), nos dias 22 e 23 de Junho de 2010.

O volume que agora finalmente se publica resulta, em parte, das reflexões que se enquadraram nesta reunião vimaranense, da qual fomos o coordenador científico, ao lado da Dr^a. Isabel Maria Fernandes, Directora do Museu Alberto Sampaio, que assegurou, de forma sempre eficiente, a coordenação executiva e logística do evento. No momento em que esta iniciativa começou a ser gizada, com a necessária antecedência, era previsível que o centenário do nascimento do Fundador fosse assinalado por diferentes acontecimentos, cujo perfil e teor, contudo, se ignorava. A ideia de organizar um colóquio em Guimarães envolvia, por isso, alguns riscos. Procurando fugir às temáticas mais usuais e previsíveis, que levariam inevitavelmente a uma revisitação da história política, preferimos optar por uma série de abordagens que permitissem caracterizar o século de Afonso Henriques nas suas mais diver-

sas vertentes, das grandes realizações aos pequenos aspectos do quotidiano. Uma série de abordagens *periféricas* que possibilitassem uma contextualização do século XII português, procurando, assim, recriar o pano de fundo, o cenário em que se movimentou o nosso primeiro rei. Para tanto foram elencadas diversas temáticas: a história política, mas também a organização religiosa, a organização do espaço, o mundo rural e o mundo urbano, o mundo islâmico, os vários tipos de arquitectura (religiosa, civil e militar), a pintura, a escultura, a ourivesaria, a iluminura, a escrita, a comida e a bebida, o vestuário, as vias e os transportes, a cerâmica, a moeda... Alguns temas ficaram pelo caminho, por não se ter encontrado interlocutor, e não chegaram sequer a ser anunciados. Outros foram apresentados nos dois dias do Colóquio vimaranense mas, infelizmente, não foi possível integrá-los no presente volume¹. Por fim, alguns conheceram a luz do dia noutras publicações, não se justificando a sua reedição².

Vicissitudes diversas, estranhas à vontade dos organizadores (institucional e científico) do colóquio, levaram a que os textos resultantes das comunicações e das reflexões posteriores dos seus autores, nunca fossem publicados. Mas, apesar de volvidos seis longos anos, a maior parte das abordagens preserva todo o seu interesse. A ocasião de retirar estes textos do prelo surgiu agora, no âmbito das actividades do Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» (unidade de I&D 4059 da FCT), que abraçou este projecto com entusiasmo e que, em tempo quase record, conseguiu colocar este volume nas mãos dos leitores.

O livro que aqui se apresenta é composto por onze capítulos onde desfilam, pela mão segura dos seus autores, outros tantos aspectos do primeiro século português. Abre com uma inovadora síntese sobre a política externa portuguesa ao longo do século XII, a que se segue uma sedutora síntese sobre a Igreja no Portugal de D. Afonso Henriques. Escuta os ecos do sul muçulmano, com o qual

¹ Estamos a pensar nos contributos de João Soalheiro, «A Corte do imperador D. Afonso VII de Castela e Leão perante o título régio de D. Afonso Henriques: Um documento de Valdevez – 1141»; de Maria da Conceição Falcão Ferreira, «Guimarães de D. Afonso Henriques: o dealbar de um espaço urbano»; de Luís Carlos Amaral, «Sobre a organização do espaço eclesiástico no tempo de D. Afonso Henriques»; e de Francisco Faure, Ricardo Erasun e Isabel Maria Fernandes, «Louça de Barro do Minho na I Dinastia. Subsídios para o seu estudo», que foram apresentados no Colóquio e que, infelizmente, não foi possível incluir neste volume. A comunicação de Maria Adelaide Miranda, «A iluminura monástica no tempo de Afonso Henriques: continuidades e internacionalização», anunciada no programa do evento, não chegou a ser concretizada por impedimento da Autora.

² Foi o caso do contributo de Lúcia Maria Cardoso Rosas, «A ourivesaria no tempo de D. Afonso Henriques: uma proposta de uma revisão» (cf. ROSAS, Lúcia Maria Cardoso, *A Ourivesaria no Tempo de D. Afonso Henriques. Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*. Porto, vol. IX-XI, 2010-2012, p. 285-302).

o norte cristão conviveu e dialogou, umas vezes em clima de conflituosidade militar, tantas vezes no quadro de um cordato relacionamento económico e cultural. Mergulha na iconografia do Fundador, nas formas como os seus súbditos foram representando o seu rosto e imaginando o seu aspecto físico, em representações que ajudaram a construir a imagem que ainda hoje temos do nosso primeiro monarca. Penetra nos domínios da História da Arte, abordando a arquitectura religiosa portuguesa do século fundacional. Mas não esquece outras arquitecturas, como a militar e a civil, tão importantes na modelação da nossa paisagem e na construção da realidade portuguesa. Aborda o mundo rural, através dessa unidade-base que foi o *casal*. Entra, depois, nos domínios de *petite histoire*, com abordagens à escrita, à alimentação, à bebida no tempo do nosso primeiro monarca, não esquecendo as formas de vestir na sua época, onde a iconografia tem uma contribuição crucial a dar. E, finalmente, porque de uma viagem se trata, encerra com uma perspectiva sobre as vias e as pontes no espaço vimaranense. De lado ficaram muitos outros temas que gostaríamos de ter visto incluídos – como o urbanismo, o poder municipal e a governança local, as relações comerciais, as feiras e os mercados, a numária, a heráldica e a sigilografia, o armamento, a floresta e a cobertura vegetal, a fauna e as actividades cinegéticas, a assistência, o ensino e a cultura, a epigrafia, o mundo da torêutica, do vidro e da cerâmica, os jogos e as actividades lúdicas, o mundo fugidio dos sentimentos e do amor, as atitudes colectivas perante a morte... Enfim, os temas são tantos que facilmente encontraríamos substância para um segundo volume. Este foi, portanto, o volume possível que, apesar de estar longe de esgotar as potencialidades do primeiro século português, permitirá ao leitor uma abordagem diferente dessa centúria, a partir de novos ângulos, alguns deles insuspeitáveis.

As palavras finais, nesta breve apresentação, são de testemunho de reconhecimento. Em primeiro lugar, à Professora Doutora Maria Cristina Cunha (Coordenadora Científica do CITCEM) e ao Professor Doutor Luís Alberto Marques Alves (Vice-Coordenador Científico do CITCEM), pelo apoio incondicional que deram a esta edição desde o primeiro momento em que a apresentamos e sugerimos. Devemos, igualmente, um agradecimento muito especial à Dr^a. Marlene Cruz e ao Dr. Vasco Sistelo, do Secretariado do CITCEM, pela eficiência e pelo empenho que colocaram na publicação deste volume, ajudando a ultrapassar as questões burocráticas e os problemas de normalização de textos com origens muito diversas e escritos à margem das normas do CITCEM. Por fim, uma palavra de apreço à Doutora Isabel Maria Fernandes, por nos ter lançado mais este desafio, uma pequena conta de um longo rosário de colaborações que temos tido e que esperamos continuar a ter, e por todo o apoio e empenho que demonstrou. E às instituições que, em Guimarães, tornaram possível o evento que esteve na génese deste livro: o Museu

Alberto Sampaio, com os seus incansáveis funcionários; a Associação Comercial e Industrial de Guimarães (ACIG), que cedeu as suas magníficas instalações para a realização do evento; e à Câmara Municipal de Guimarães, pelo apoio logístico que nos ofereceu. Finalmente, aos Autores dos textos agora publicados, que esperaram, pacientemente, por esta edição que tardou demasiado tempo a aparecer. A todos o testemunho sincero da nossa gratidão.

Porto, Março de 2017.